

# CONTROLE DA NATALIDADE DE FAMILIAS CAMPONESAS E ESTABILIZAÇÃO DAS FRENTES PIONEIRAS NA AMAZONIA ORIENTAL BRASILEIRA<sup>1</sup>

*Xavier Arnauld de Sartré*<sup>2</sup>

*Hélène Guétat-Bernard*<sup>3</sup>

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*<sup>4</sup>

“O corpo das mulheres e suas potencialidades são uma promessa do  
desenvolvimento”

Labrecque, 2000

- 
- 1 Este texto se integra em dois programas de pesquisa. O primeiro é o Zone Atelier de pesquisa sobre o desenvolvimento, CNRS, Programa Desenvolvimento, Vida e Sociedades, “Ambiente e Desenvolvimento em Frente Pioneira Amazônica : estudo de lugares e experiências para uma coevolução da agricultura familiar e seu ambiente” conduzida conjuntamente por equipes do IRD, do INRA-SAD, do CNEARC, da Universidade de Toulouse Le Mirail e da Universidade das Antilhas-Guiana pelo lado francês e a Universidade Federal do Pará através do Núcleo de Estudos Sobre Agricultura Familiar – NEAF, pelo lado brasileiro. Integração no eixo 2 sobre a compreensão das sociedades e dos modos de construção dos territórios em situação de frente pioneira (temática sobre as mobilidades em ligação com o INRA-SAD, de Toulouse. Laurence Granchamp Florentino (Socióloga ligada à Universidade de Paris X, Nanterre) é igualmente integrante do programa Zone Atelier e, a este título, participou da reflexão científica e participou em algumas entrevistas utilizadas neste artigo. O segundo é o Programa PREMIER, MAE, “Novas competências para a inovação localizada e o desenvolvimento sustentável em territórios rurais. Projeto de Cooperação Franco/Argentino/Brasileiro em nível de Mestrado”.
- 2 Geógrafo, Pesquisador do Centre National de Recherche Scientifique Unité Mixte de Recherche Société Environnement Territoire Université de Pau - France
- 3 Geógrafa e Sócio-economista, MCF, UMR Dynamiques Rurales, Université de Toulouse 2
- 4 Socioeconomista Professor e pesquisador do Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar Universidade Federal do Pará - Brasil

## RESUMO

Combinando trabalhos de campo realizados em dois momentos e espaços diferentes, mas no mesmo contexto, no Sudeste do Pará e Transamazônica paraense, na primeira década deste milênio, constataram-se alterações significativas nos padrões estruturais de famílias camponesas que merecem aferição e análise. Migração de outras regiões do país para a Amazônia, estabilização da frente pioneira, estratégias diferenciadas da relação com o espaço vivido campo-cidade, relação escolaridade e controle da natalidade, recorrente gravidez precoce, diminuição do número da prole, transformações no uso da mão-de-obra e divisão sexual do trabalho são alguns dos elementos que ressaltam-se do estudo e merecem atenção neste artigo.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar; reprodução social; representação social; lógica camponesa; divisão do trabalho.

## ABSTRACT

Matching the field research results obtained in two distinct moments and spaces, under the same context in Southeastern Pará and Pará's Trans-Amazonian region during the last decade of the 20th century and the first decade of this millennium, it has been evidenced significant alterations in structural patterns of the peasants' families, deserving gauging and analysis. The migration configuration from other areas of the country to the Amazonia, the stabilization of the pioneer fronts, differentiated strategies regarding the rural-urban space, complex forms of inter-managerial peasant reproduction, birth control and education relations, recurrent youth pregnancy, decrease in number of descendants, transformations in the use of manpower and sex division of the workload are some of the instigated elements highlighted from the data used in this research that have earned attention in this article.

**Keywords:** Family Agriculture; social reproduction; social representation; peasantry; work division.

## 1. **DOMÍNIO DA FECUNDIDADE E AVANÇO DA FRENTE PIONEIRA NÃO SE EXPLICAM POR SI MESMOS**

Entre os elementos do contexto da ação, as estratégias executadas pelos pequenos agricultores familiares cumprem um papel importante na dinâmica de colonização da floresta amazônica, particularmente em momentos cruciais do ciclo de suas vidas como os tempos de divisão dos grupos domésticos. São tempos reveladores das relações entre sexo e gerações (Segalen, 1996:38). Sabe-se que o avanço das frentes pioneiras se faz mais frequentemente pela migração de uma família já presente em uma área antiga para uma área de colonização nova. Três tipos de fatores explicam estas migrações: fatores sócio políticos que fazem dos agricultores familiares os perdedores das relações de forças mobilizadas pelos grandes proprietários à procura de terras desmatadas para estender seus domínios; fatores agro-econômicos, segundo os quais os agricultores que revendem suas terras o fazem porque podem realizar uma boa renda fundiária implantando um sistema de criação racional em termos de rendimento do trabalho; fatores sociais, que fazem da migração uma necessidade para transmitir a seus filhos, no contexto fundiário e agro-econômico acima esboçado, a condição de camponês (proprietário ou posseiro de terra instalado perto de sua família). Ora, segundo esse terceiro tipo de explicação, o número de filhos por família é um elemento essencial para a decisão de migrar. Com efeito, é porque eles têm numerosos filhos que os agricultores não podem ficar na mesma terra sem fazer as transformações profundas de seu sistema de cultura (que ninguém está em condição de acompanhar de maneira sistemática), nem de comprar, em um contexto em que a terra custa muito caro (em relação à renda dos agricultores), quantidades suficientes para reparti-la entre todos os seus filhos (Não é raro encontrar famílias de 10 filhos). Constatar uma baixa do número de filhos por mulher é desde então um dado importante para a compreensão da dinâmica das frentes de colonização.

Sustentar uma abordagem geográfica sobre esta baixa nos leva classicamente a multiplicar as escalas sociais e espaciais de compreensão do fenômeno. Podemos então lembrar a concordância de interesse, durante os anos 1970 em que o domínio do espaço amazônico era vivido como uma

aposta política maior, entre as lógicas de ocupação/possessão do espaço por pequenos camponeses do sul ou do nordeste do país e aquelas do governo militar: a forte fecundidade das famílias camponesas e seu desejo de instalação se inscrevem tanto nas lógicas de reprodução do modelo camponês quanto nas lógicas do Estado. Depois dos anos 1980, a introdução do tema da sustentabilidade no discurso político coloca de forma mais ambígua o debate sobre a fronteira a conquistar. De uma parte, ambiguidade de confronto entre os diferentes níveis de ação e de outra parte, entre as lógicas sociais de reprodução das famílias camponesas e esta nova proposição de associar instalação e deveres para com o meio natural.

Uma visada em escala variada sobre estas lógicas nos obriga também a considerar as interdependências entre as sociedades camponesas das frentes pioneiras e a sociedade nacional urbana. Entre as características que serviram para descrever o modelo camponês, tais como “inventadas” pela sociologia francesa do pós-guerra (Mendras, 2000), aquela da “autonomia relativa da coletividade local em relação a uma sociedade envolvente que a domina e respeita sua originalidade” já foi explicada. É exatamente nesta relação entre modalidades rurais e urbanas da reprodução das famílias que vamos tentar encontrar elementos de compreensão ao fenômeno considerado.

Enfim, a redução da natalidade e o domínio da fecundidade feminina sendo certamente um objeto do poder maior (Héritier, 1996), ela é particularmente reveladora de mudanças de papel das mulheres nos casais e, mais que isso, de um questionamento sobre o futuro das relações tradicionais entre a exploração agrícola, a família camponesa e a terra que ela explora no contexto das frentes de colonização estudadas. O artigo testemunha, assim, uma grande diversidade de situações porque essa queda de fertilidade não é (ainda) uma generalidade; ela não ocorre sem conflito; ela não se inscreve em um movimento regular (em particular, as maternidades precoces, fora do casamento, são frequentes).

Finalmente, no debate sobre a sustentabilidade e a boa gestão dos recursos naturais, mostramos que temos um argumento singular no debate sobre o avanço da frente de colonização.

## 2. A REDUÇÃO DA NATALIDADE NA AMAZÔNIA: INTERPRETAR UM FATO COMUM E MASSIVO

### 2.1. Os dados numéricos do contexto

O Brasil é um país que, globalmente, se situa em estágio intermediário de sua transição demográfica: a taxa média de fecundidade é, por exemplo, de 2,38 filhos por mulher, o que o coloca em 75ª posição mundial. Esta taxa tem tendência a baixar regularmente porque a taxa de fecundidade da população brasileira teria passado de 2,89 a 2,38 filhos por mulher entre 1991 e 2000.

Mas no Brasil, mais do que em outros lugares, esta situação global esconde situações muito desiguais segundo a região, a localização da moradia em relação à cidade ou o nível de escolaridade atingido. Ora, as frentes pioneiras concentram a maior parte dos fatores induzindo a uma forte fecundidade: a região Norte é aquela em que se mantêm as taxas de fecundidades mais elevadas (3,16 filhos por mulher em 2000), enquanto que nesta mesma região a zona rural mantém taxas da ordem de 4,65 filhos por mulher – o que corresponde à média das taxas de fecundidade dos municípios das frentes pioneiras.

Se, de uma maneira geral, a Região Norte<sup>5</sup> tem taxas de fecundidade superiores às das do resto do Brasil, nota-se que ela tem tido quedas mais rápidas que aquelas do resto do país (excetuado o Nordeste). O estado do Pará, no qual se situam as frentes pioneiras, as taxas de fecundidade baixam da ordem de 25 % no período 1991-2000. Se não se dispõe de dados oficiais sobre os municípios da frente pioneira quanto a esta queda, ela já foi assinalada no fim dos anos 1980 por Philippe Hamelin (1992), depois por Philippe Léna e Isolda Maciel da Silveira (1993). No início dos anos 1990, as taxas de fecundidade passariam de 8,5 a aproximadamente 5,5 filhos por mulher. Depois esta baixa teria continuado. Um recenseamento sobre uma amostra aleatória de uma família sobre 10 feita em 1997 pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região de Altamira nos municípios de Altamira e Anapu confirmava esta queda da fecundidade. Associando os dados de Philippe Hamelin e do STR de Altamira, pode-se construir para o ano de 1997 o quadro seguinte:

5 A Região Norte corresponde à unidade de medida estatística recobrando o miolo da região amazônica. Esta região tem sofrido fortes transformações territoriais devidas à criação de novas entidades administrativas (logo estatísticas) de base, os municípios. Isto torna muito difícil o acompanhamento das evoluções de um recenseamento a outro.

**Quadro 1.** Redução da fecundidade nas frentes pioneiras em 1997

Idade	Nascidos entre 1935 e 1942	Nascidos entre 1943 e 1947	Nascidos entre 1948 e 1952	Nascidos entre 1953 e 1959	Nascidos entre 1960 e 1964	Nascidos entre 1965 e 1969	Total
Nº de mulheres	26	26	39	58	76	43	268
Nº médio de filhos	6,8	6,84	6,17	5,91	5	4,22	5,63
Fecundidade estimada por Hamelin, 1992	8,5	7,2	6,9	5,6	-	-	6,7

**Fonte:** LAET-STR Altamira, 1997. Zoneamento participativo dos municípios de Altamira e Anapu.

De nosso conhecimento, nenhuma pesquisa de envergadura foi realizada depois dessa nos municípios da frente pioneira, e não existe nenhuma razão para supor que a situação tenha se modificado. Ora, este fenômeno é tanto interessante quanto estreitamente ligado ao avanço da colonização. Sabe-se, de uma maneira geral, que as taxas de fecundidade constituem, para as Nações Unidas, indicadores do desenvolvimento sustentável. Se o malthusianismo latente que se esconde atrás do caráter generalizado desta constatação merece ser criticado, parece que a situação das frentes pioneiras amazônicas depende em parte das taxas de fecundidade (Arnauld de Sartre, 2005). Daí o interesse que ele pode ter para se compreender como se faz a redução da fecundidade, afim, eventualmente, de se estar em condições de monitorá-lo.

## 2.2. A redução da natalidade: um fenômeno conflituoso e não generalizado

A primeira coisa que se constata é que a redução da natalidade que acabamos de descrever esconde de fato desigualdades muito grandes conforme as famílias. Não dispomos, no momento, de estudos exaustivos sobre a situação demográfica na frente pioneira, mas a amostra que serviu de base para o nosso trabalho, composta de maneira a abarcar a maior diversidade

de situações possíveis (a partir de questionários aplicados a todas as famílias de quatro localidades da frente pioneira) permite apresentar a seguinte tipologia:

**Quadro 2.** Redução observada e previsível da natalidade entre duas gerações de colonos

Nome	Filhos do casal (1)			Nº de crianças na família de origem	
	Nº de filhos	Previstos a mais (2)?	Total	Esposo	Esposa
Situação ainda desconhecida mais queda importante previsível de filhos	1	?	?	6	10
	2	?	?	10	8
	1	?	?	10	?
	1	?	?	10	?
Famílias numerosas em queda limitada do número de filhos	4	1	5	7	?
	6	0	6	7	16
Família de 4 filhos com uma queda da ordem de metade do número de filhos	4	0	4	8	?
	4	0	4	7	7
Famílias de 2 a 3 filhos com uma queda considerável do número de filhos	3	0	3	7	7
	3	0	3	10	?
	2	1	3	6	7
	3	0	3	10	8
Famílias de 1 a 2 filhos com uma queda considerável do número de filhos	1	1	2	10	7
	1	0	2	7	10
	2	0	2	6	7
	2	0	2	?	7
	2	0	2	8	?
	2	0	2	7	?

1. Exceto filhos fora do casamento de um dos membros do casal

2. Estimativa feita a partir das falas dos esposos (por número de filhos suplementares previstos) ou da realização de esterilização definitiva (quando não há outros filhos previstos)

3. Fonte: Arnauld de Sartre, 2000 e 2001

Este quadro permite visualizar para algumas famílias de jovens agricultores, a maneira como se faz a redução da fecundidade em duas

gerações. Compara-se o número de irmãos e irmãs de jovens pais com seu próprio número de filhos. Observa-se então duas coisas: o caráter massivo do fenômeno. Todos os casais jovens reduzem seu número de filhos em relação ao de seus pais. Esta redução, entretanto, não é linear: casais querem limitar seu número de filhos a dois, enquanto que duas famílias contam de cinco a seis filhos. Esta situação se revela rica de ensinamentos para a compreensão dos mecanismos levando a uma redução do número de filhos. Com efeito, é na explicação de diferenças entre os casais que se pode encontrar uma chave da compreensão da redução da fecundidade.

### **2.3. Uma metodologia de entrevista dos esposos em separado e de diversas gerações: o domínio da alcova nos interessa, revela segredos e intimidades**

A escolha dos dados que permitiram fazer este quadro acima foi a ocasião de fazer uma distinção suplementar neste mesmo quadro. Ela aparece somente nos casais em que a mulher ainda não era esterilizada, o número de filhos desejados variava consideravelmente conforme o homem ou a mulher – estas últimas desejando sempre menos que seus maridos. Depois, à medida que nosso trabalho avançar veremos que a esterilização definitiva das mulheres nem sempre foi feita com o aceite de seus maridos e veremos mais adiante ainda que se pode assistir a conflitos muito fortes em relação à redução do número de filhos. Dessa forma, os números representados nesse quadro 2 são mais um produto de consenso obtido pelo casal frente ao pesquisador do que a revelação de um planejamento rígido. Além disso, um certo número de famílias que aparecem no quadro como indecisas, não conseguiram chegar a um consenso em nossa presença.

Parecia-nos que havia uma pista a trilhar uma vez que as relações entre esposos podiam explicar o número de filhos por família. O esquema a seguir propõe uma espécie de matriz teórica das relações entre os esposos quanto à redução do número de filhos sendo completada pelas situações que observamos.

## Posicionamento face a redução do número de filhos

		<i>Homem</i>	
		<i>Favorável</i>	<i>Não favorável</i>
<i>Mulher</i>	<i>Favorável</i>	1	2
	<i>Não favorável</i>	3	4

1. Redução importante do número de filhos.
2. Conflito muito forte
3. Situação não observado
4. Redução pouco importante do numero de filhos

É evidente que quando maridos e mulheres são favoráveis a uma redução do número de filhos, isto se produz inevitavelmente – a mulher faz uma ligação de trompas quando o número máximo de filhos desejados é atingido. Mas esta situação se revelou, a priori (seremos levados ao curso deste artigo a desconstruir esta afirmação) pouco esclarecedora das causas que levavam a esta redução do número de filhos. De fato os pais tinham um discurso do tipo “ter menos crianças é necessário para poder melhor cuidar” – discurso que parecia de uma lógica desconcertante para o entrevistador. Mesmo assim, as situações em que tanto homens quanto mulheres desejavam manter um número elevado de filhos se revelaram, na análise, com a mesma aparente banalidade: os discursos os justificando levavam a dizer que eles queriam ter uma numerosa descendência porque eles “amavam os filhos”.

Entretanto um fato nos parecia indicar que estes discursos são reveladores de mudanças mais profundas: quando as famílias mantinham um número elevado de crianças, observa-se que estas famílias se localizam preferencialmente em zonas de colonização nova – ou então que elas preparam uma migração para estas zonas. Inversamente, as famílias que tem poucos filhos estão instaladas, aparentemente de forma definitiva, em zonas de colonização antiga. Isto confirma a ligação entre natalidade e tempo da colonização – prova que os “gostos” ou os objetivos educativos escondem de fato posturas fundamentalmente diferentes.

São conflitos em torno não somente da gestão da natalidade mas também da oportunidade de uma migração que se revelaram os mais ricos de ensinamentos. Eles permitem produzir sentidos em dois casos e de justificar que pensando como geógrafos mobilizamos dados demográficos. É significativo que não tenhamos jamais encontrado famílias em que a mulher quisesse ter muitos filhos contra a opinião de seu marido, o que se explicaria pelo desejo firme de numerosas mulheres de reduzir sua fecundidade. Estes conflitos são particularmente marcados entre o marido e sua esposa quando se enfrentam maneiras de se representar o papel de cada um no casal e na sociedade camponesa. O conflito para a redução do número de filhos aparece então como um indicador de relações com a migração profundamente diferentes; é assim que nós o utilizaremos a partir de então.

O protocolo de pesquisa que colocamos em andamento nos permitiu encontrar separadamente o marido e a esposa para evitar ao máximo, de uma parte e de outra, as palavras sob controle, medidas. Nenhuma mulher desejou fugir de nossas exigências. Ao contrário, eles freqüentemente se tornaram francas conosco, satisfeitas que nos dirigíssemos a elas, ainda que pobres e mulheres. Esta opção não se justifica por ela mesma, pois na história do desenvolvimento, a palavra pública, aquela a quem a sociedade dá sentido e eficácia, foi sempre aquela dos homens chefes de família. Os antropólogos têm particularmente mostrado, ao contrário, que se boa parte do conhecimento não pode ser recolhido senão junto aos homens, o acesso pelas mulheres permite evidentemente completar e detalhar a compreensão de toda a sociedade (Dupuis, 1999:30), ou seja, lhe dar um novo sentido. Fechar-se no campo masculino ou feminino, nos dois casos, provoca ignorâncias.

O fato que um grande número de mulheres (nem todas desejaram falar) se tenha aberto sobre um assunto tão sensível como a relação com o seu próprio corpo (a entrevistador mulher e homem) é também revelador em si mesmo de uma evolução de mentalidade. Esta proposição metodológica nos permitiu confrontar as posições sobre um mesmo questionamento e comparar os conhecimentos de um e outro sobre os assuntos referentes à exploração e à família. Pudemos também ver emergir questionamentos mais preocupantes para uns que para outros. Estas entrevistas semi-direcionadas, cobrindo umas sessenta famílias, foram todas gravadas, transcritas e analisadas. Elas se apresentavam sob a forma de histórias de

vida (entrevistas biográficas) em que a questão da fecundidade era tratada como um tema entre outros. Isto permite explicar a redução da natalidade observada por causas que, transcendendo o discurso sobre o amor aos filhos ou a importância de se ocupar deles, dão-lhes um outro sentido. Ora isto é particularmente o caso quando existem conflitos.

Neste sentido, nossa intuição de trabalho se revelou interessante, como foi aquela de procurar encontrar duas gerações de casais camponeses na mesma família, quando fosse possível. Foi nesta condição que pudemos compreender que em termos de domínio da fertilidade, reivindicações femininas atuais e posicionamentos masculinos favoráveis a uma redução de nascimentos podem se explicar pela sensibilidade de mudanças na geração precedente. Da mesma forma, esta abordagem revelou que conflitos acentuados entre pais e jovens adultos no início do casamento podem se explicar pelo confronto de referências a modelos familiares muito contrastantes.

### **3. AS DIFERENTES MODALIDADES DO CONFLITO: INTERPRETAÇÃO DO LUGAR ATUAL DAS MULHERES NA FAMÍLIA CAMPONESA AMAZÔNICA.**

Para compreender as modalidades dos conflitos observados, é preciso conhecer instrumentos de controle da natalidade nas frentes pioneiras. O acesso a estes é diferenciado conforme a idade e as relações com o marido. Digamos que de uma maneira geral, existem dois pólos entre os quais se organizam as diferentes técnicas. De um lado, existe o método definitivo que consiste em realizar uma ligadura de trompas das mulheres (uma esterilização do homem é bem mais rara). Este método, legalmente proibido para mulheres de 25 anos e àquelas que tenham apenas um filho, pode se fazer na cidade, freqüentemente por ocasião de um parto. Na medida em que seja uma medida definitiva de limitação do número de filhos na família, sua aplicação é objeto de acaloradas discussões nos casais. O método que será seu oposto é aquele de um controle natural dos nascimentos, isto é sem intervenção médica, unicamente pela observação dos ciclos das curvas de temperatura. Este método, que tem a reputação de ser pouco eficaz na França, parece muito

seguido na frente pioneira, satisfatório se o casal se abstém de relações durante todo o período fértil. Tem enormes vantagens por ser acessível a todos (todas as mulheres que encontramos tinham informações sobre este método), mas tem o inconveniente de não excluir “acidentes”, voluntários ou não. Entre estes dois opostos, as mulheres podem utilizar os contraceptivos orais, mas isto demanda uma certa constância e o acordo do marido (gerenciando o orçamento, é ele quem decide sobre a compra dos contraceptivos), da mesma maneira quando o casal decide utilizar preservativos.

O ponto comum a todos estes métodos é, finalmente, de abrir a porta aos conflitos: sempre existe uma escolha a fazer que corresponde ao momento em que os interesses divergentes podem se exprimir. Isto leva a precisar, se for preciso, que as técnicas contraceptivas não passam de instrumentos a serviço de vontades que lhes antecedem;<sup>6</sup> elas permitem cristalizar, no caso de conflitos, posições diferentes. Pode-se dizer que pudemos observar em nossas entrevistas, três tipos de conflitos: os dois primeiros tipos se baseiam na realização de um ligamento de trompas. O primeiro se observa quando uma mulher considera que já teve muitos filhos e quer aproveitar desse procedimento técnico para não mais procriar; o segundo corresponde a uma situação em que uma mulher não pode utilizar métodos contraceptivos menos definitivos porque ela sofre uma pressão constante de seu marido para ter filhos, o que a leva a escolher a solução de uma ligadura de trompas. O terceiro conflito, o mais trágico, se observa quando uma mulher decide utilizar métodos naturais para reduzir o número de filhos, mas se vê constrangida pelo marido a relações sexuais sem preservativo no período em que ela está fértil. Estes conflitos correspondem a três tipos diferentes de migração: no primeiro caso trata-se de famílias marcadas por numerosas migrações que a esposa não pode evitar a despeito de suas reticências ou oposições. O segundo caso corresponde a famílias em que a mulher não pode se opor a uma migração, muito recente, mas quer evitar, de qualquer jeito, uma nova. O terceiro tipo de conflito é aquele em que a esposa venceu com a sua recusa de migrar. São diferentes tipos que analisaremos através do estudo de caso.

Estes três exemplos emblemáticos permitem medir a distância

6 Os historiadores demonstraram como isso ocorreu na França burguesa e depois rural do século XVIII. Eles relembram que “a questão do por quê (da queda de fertilidade) é mais decisiva que aquela do como. O problema dos meios é subordinado àquele dos fins, mesmo se o aprendizado dos meios introduz defasagens (Bardet e Dupaquier, 1986:13).

existente, de uma parte entre o número idealizado de filhos pelo homem e pela mulher, e de outra parte pelas representações sobre a criança e seu lugar na reprodução do modelo camponês, e enfim do lugar acordado para a palavra feminina na família camponesa.

### 3.1. Excesso de filhos, muitas migrações ou a necessidade de uma ligadura de trompas

Um primeiro tipo de conflito opõe mulheres que já tem numerosos filhos e que desejam adiantar o fim de sua vida fértil. Estas mulheres são originárias de famílias camponesas muito clássicas, marcadas por diversas migrações sucessivas, quando os primeiros filhos chegaram à idade adulta. Elas nem sempre puderam se opor às migrações ainda que elas afirmem ter feito todo o possível para evitar a última migração. Esta correspondência não é feita no discurso e a ligação entre estes dois elementos pode ser puramente fortuito. Veremos, entretanto que os outros casos de conflito nos convidam a considerá-los como lógico, mesmo se esta lógica não se traduz por uma estratégia explícita por parte das mulheres.

Estas mulheres que não tiveram durante muito tempo acesso aos métodos contraceptivos, estavam diretamente interessadas por estas técnicas. Isto constitui, para estas mulheres, uma revolução, na medida em que é preciso que elas enfrentem preconceitos sociais e a oposição de seus maridos. As frentes pioneiras eram muito fortemente marcadas e ainda o são pelo catolicismo, e mesmo se as formas latino-americanas do catolicismo são abertas ao uso de contraceptivos (pelo menos para evitar a propagação de doenças) isto não impede que uma criança seja vista ainda como um dom de Deus. É isso que explica a fortíssima condenação, social e jurídica que se choca com a interrupção voluntária da gravidez (IVG). Ainda que proibida por lei, a IVG é possível em clínicas clandestinas, embora seja fortemente condenada nas frentes pioneiras. Neste quadro, decidir não ter filhos pode parecer uma solução contra a fé.

Desde então, quando uma mulher madura, inserida na sociedade camponesa local, afirma querer fazer uma ligadura de trompas, ela tem todas as chances de se opor à sua família. É o que se observa no caso de Conceição, mulher de quarenta anos, mãe de doze filhos:

**Conceição :** Foi. Foi o meu irmão. O meu marido não queria de jeito nenhum ir [procurar uma terra], por causa da vida que eu levava, o sofrimento, porque ele bebia, jogava. Tudo que a gente ajuntava, ele fazia tudo só para cara dele. Ai, todos ajudavam na roça, eu muitas vezes deixava os meninos na casa, só o pequeno, pra ir ajudar ele pra não tirar os meninos dos estudos. Porque eu não estudei e também não ele, só um pouquinho. Ai não tirava os meninos do estudo. Eu ia ajudar ele, ‘panhar arroz, cuidar da roça. Ai, ele pegava e vendia o arroz, jogava, jogava baralho apostando, ele bebia cachaça, ia pras festas, acabava tudo ! Ai todo ano era um filho, todo ano era um filho ! ele não deixava nem eu evitar !

**Entrevistadora:** Não deixava ? Nem escondida?

**Conceição :** Eu não podia comprar, ai não tava escondida! Ela tá entendendo? Tã não, né! (interrupção) Pois é, ai esse menorzinho caçulo, tinha mais ou menos seis meses, ai meu irmão perguntou se eu queria fazer uma ligação. Ai eu disse que queria. Ai eu fui conversar com minha mãe pra ficar com os meus meninos, tinha cinco pequenos, quase de um tamanho só. Tinha quatro maior mais tinha os outros lá todos pequeninhos. Aí ela pegou e disse que não. Disse que ficava não, porque ela disse que trabalhava muito na roça, e disse que se eu ia cortar, eu ia morrer. Aí eu muito com raiva, eu falei : pois então, eu tenho que morrer um dia, eu vou ! E ela, não minha filha, não vai não ! Ai fui pra casa dela, ai ficou com os meus meninos aí eu fui embora. (...) [Isso entretanto não funciona, então ela é obrigada a comprar pílula através de sua irmã na cidade, e de usar escondida. Ele conta todas as peripécias para fazer esta ligadura].

**Entrevistadora :** Você perguntou pra ele porquê que ele queria ter muitos filhos ?

**Conceição :** Não sei não ! As vezes eu perguntava a ele

assim, ele não dizia não, porque ele não era muito irmão, só eram 5 e ele queria muito, ele, queria muito. Ai, eu não sei. Que as irmãs dele, uma tem duas filhas, a outra tem dois meninos homens e uma tem 4. Só ele que tem esse tantão. E o outro irmão dele homem tem 4, também, só.

**Entrevistadora :** O quê que a senhora acha, as mulheres tem direito de escolher o número de filhos que elas querem ter ?

**Conceição :** Eu acho que sim. Tem sim. Porque muitas vez, a pessoa... a mulher quer um tanto e o homem quer outro tanto. Mas a mulher quem vai sofrer, porque se ela vai ganhar no hospital, sendo no cesário, tudo bem, ela não vai passar nenhuma dor a não ser a dor da anestesia.

Observam-se duas coisas nesse extrato de entrevista: de início, a vulnerabilidade de uma mulher frente a seu marido. Conceição, casada com um homem do qual ela não faz um retrato agradável; não parece em condições de “parar a fábrica de fazer meninos” (Blaffer Hrdy, 2002:367). Ainda que Conceição queira fazer intervalos entre os nascimentos, ela continua dependente do dinheiro que seu marido lhe fornece para comprar os contraceptivos. Em nenhum momento aparece a possibilidade para ela controlar suas relações sexuais – e por conseqüência sua fecundidade.

Entretanto, e está nisso o segundo interesse desse extrato, Conceição reivindica o direito de dispor de seu corpo. As relações mãe e filha são particularmente interessantes neste momento de começar a transição. A atitude da mãe dá conta de uma internalização de uma referência à forte fecundidade como idealização do modelo familiar camponês. Sabe-se que em toda sociedade camponesa “a relação social doméstica” ensina o princípio da subordinação hierárquica da jovem filha e da mulher. Da infância até a puberdade, o ciclo da vida feminina é determinado por uma injunção da sociedade global, muda, silenciosa, calada, porque incorporada às práticas. São as mulheres – a classe das mais velhas de maneira mais ampla – que impõem às filhas papéis prescritos e daí tiram um poder socialmente legítimo sobre elas e para elas. A incorporação de um saber-fazer prático, de disposições corporais, mentais e psicológicas prepara então a uma aprendizagem mais complexa

assegurando a reprodução da sociedade (Lecarme, 1999, p. 262). A mudança se inscreve nas falhas de toda estrutura: a atitude de Conceição faz parte do distanciamento que ela faz e nos interroga sobre o momento da virada entre o aceitável e o não aceitável: em que momento as maternidades repetidas se tornam inconcebíveis. Ela se pergunta também sobre a relação com a dor tão naturalmente associada à vinda ao mundo. Estes olhares projetados se reencontram na fala das mulheres mais jovens e em particular na de sua filha que encontraremos um pouco adiante.

### 3.2. Uma redução forçada de número de filhos - as queixas de um marido

O segundo tipo de conflito que observamos se fez quando um casal estava no início de sua vida procriativa. Trata-se de um casal composto de um homem de 44 anos casado com uma jovem com pouco menos de 25 anos. Ela é professora primária, ensina na zona de colonização nova em que se instalou com seu marido, continuando a seguir sua escolarização na cidade. Veio para esta zona contra sua vontade principalmente porque seu marido tinha um lote em área de colonização mais antiga. Ele veio depois de ter cedido seu lote para o seu pai, a fim de poder pela migração aumentar o tamanho de sua exploração – vimos até que ponto esta situação se conforma ao modelo de reprodução camponesa. Sua esposa, não aceitou vir para esta área de colonização nova senão quando pôde obter um emprego enquanto professora. Esta migração, efetuada uma por razões referentes à lógica camponesa e por outra para obter um emprego e deixar o papel que lhe seria dado em uma família clássica, revela um conflito que explode quando da escolha do número de filhos. É o esposo que nos fala, desta vez, em termos suaves do conflito que lhe opõe à sua mulher:

**Entrevistador:** Você gostaria de ter outros filhos?

**José:** Sim, eu queria porque gosto muito de crianças. Então quando a gente pára [de ter filhos], os dois que a gente criou se tornam rapazinhos e começam a ter vergonha de nós, não

tem mais esse carinho todo, a gente sempre teve um diálogo desde pequeno, mas a gente vê que eles começam já a ter vergonha de nos abraçar, de vir em nossos braços, escondem o rosto. Eles pensam que já são adultos e fogem. E nós, a gente gosta dos filhos, de tocar, de lhes sentir, abraçar... eu sempre quis que ela não fizesse a ligadura [de trompas] para que sempre fosse possível que, se a gente resolvesse, chegue uma gravidez; não sem esperar, não uma gravidez inesperada mas uma que a gente decidiu, para que fosse possível de ter um outro filho. Mas isso não foi possível.

**Entrevistador:** Como você faz para planejar?

**José:** [Silêncio] Bom, a gente pensa assim... esse filho, Junior, nasceu logo que nós tínhamos casado depois de um ano... então a gente planejou a coisa seguinte: a gente quer um outro filho quando Junior tiver 3 anos, porque ele vai estar grande, ou 4 anos. Desta maneira ele vai poder cuidar do outro enquanto sua mãe faz as coisas da casa e vai à escola (...) Mas as vezes a gente esquece o anticoncepcional para evitar a gravidez, a gente fazia isso com a tabelinha, essa história toda, porque as vezes com o medicamento ela não se sentia bem, então a gente utilizou o método seguinte: durante o período fértil a gente devia ficar um tempo sem ter relações sexuais até que passasse esse período fértil para que não pegue barriga. E sempre a gente fez assim. Mas, bom, um dia, às vezes, a gente... porque eu sinto bem isto que eu já disse, eu sou um homem sadio, graças a Deus, porque eu sou ainda jovem, e sou um homem para uma mulher em qualquer momento (...) Então não me falta nada desse lado aí, eu sou como qualquer um que tenha 18 anos ou 14 anos. Eu me sinto assim, como se eu tivesse toda a energia de um rapaz. Sim? É por isso, eu penso que sou um homem muito forte desse ponto de vista.

**Entrevistador:** Então você não conseguiu respeitar a tabela, não é?

**José:** Ah, sim. Eu esqueci do que a gente falava. É por isso, as vezes a gente... bom, ela disse assim: "Não, a gente não pode ter relações sexuais porque senão a gente vai ter outro filho, e o outro ainda é muito pequeno, ele não pode tomar conta de outro". Mas eu disse: Mas não, você já passou o período, você perdeu a conta, você não contou os dias certos". Ela disse: "Eu sei melhor que você"; mas eu não acreditei e... eu insisti, não é, e ela, talvez para não me contrariar, ela aceitou. Então, bom... a gente enfiou o prego, um outro veio, quando Junior tinha dois anos José Neto nasceu".

Este marido nos expõe que existe em seu casal uma vontade de espaçamento e de redução dos nascimentos, ausente no caso precedente. O método utilizado é aquele do acompanhamento do ciclo. Ora, José argumenta o fato que teve um acidente que explica o nascimento de seu segundo filho mais cedo do que o previsto. O relato deste nascimento revela de um lado a insistência do marido, de outro a aceitação sob forte pressão, da mulher em manter relações sem preservativo.

Mesmo se ela (que conhecemos menos do que José) não evocou este incidente, existe uma forte suspeita de que esta pressão está na origem da ligadura de trompas que ela efetuou ao dar à luz a seu segundo filho. Sob um pretexto médico (ela sofre de náuseas nos três primeiros meses) necessário segundo seu marido e os médicos (ela tem menos de 25 anos), ela fez a ligadura de trompas... que o esposo se queixa. Pode-se duvidar das razões que ele adianta quando sabe-se que José pertence, segundo as análises, a **um grupo social camponês clássico, marcado por uma forte fecundidade.**

Este segundo caso mostra que a vontade de controle de seu corpo pelas mulheres não espera sempre um número elevado de filhos e que os homens são levados a compor com estas esperas das mulheres. José, camponês suficientemente típico, é obrigado a aceitar (pelo menos de fachada) as expectativas de sua esposa e sem dúvida usar de artimanhas

para contorná-las. Antes finalmente de ver esta praticar uma ligadura de trompas. Este conflito testemunha uma mudança muito profunda no seio dos casais.

### 3.3. O estupro conjugal ou as relações diferentes na família camponesa.

O terceiro caso de conflito se passa em um relato direto. Nós efetivamente não o pudemos gravar. Trata-se de um casal que, diferentemente dos outros precedentes, foi composto rapidamente (o que não é raro), passando-se uma semana entre o primeiro encontro e o casamento. Esta rapidez se explica, apesar de tudo, por projetos bem diferentes de um e de outro. A futura esposa, então com a idade de 16 anos, vivia em uma zona afastada da frente pioneira e era submissa à autoridade de seu pai que não a deixava ter namorados. Depois de ser reprimida violenta e fisicamente por seu pai, então ela foi obrigada a ficar em casa se ocupando de seus 10 irmãos e irmãs enquanto sua mãe trabalhava no campo. Um homem, recém chegado de uma grande cidade do Nordeste do país, chega em sua casa lhe pede um copo d'água. O rapaz tem na cabeça um projeto preciso: ele voltou da cidade para se instalar como agricultor em uma zona de colonização antiga. O cumprimento desse projeto pressupõe, segundo seus próprios termos, primeiro um casamento. A imagem dessa moça tomando conta de sua família numerosa lhe emociona e parece perfeitamente ajustada ao seu desejo. Quanto a ela, avalia que os atributos daquele homem é tudo o que ela considera de urbanidade e logo de modernidade. Maria Antonia sabe que fora do casamento sua existência social é improvável, mas esta aliança de interesses não induz a um ideal comum.

Evidentemente, este casal é particularmente desarmonioso. Os conflitos começam logo que o esposo quer partir para viver em um lote retirado na floresta. Sua mulher se opõe e ameaça de se divorciar caso eles deixarem o local onde estão instalados – o lote de seu sogro, situado próximo da cidade. O marido é obrigado a ceder, migrar sem a esposa sendo muito difícil do ponto de vista da logística e absurdo ao olhar da lógicas camponesas da migração. Depois dessa primeira derrota, é sobre outra base da família camponesa que vai se dar o conflito: o controle da natalidade. A mulher engravida logo após o casamento e diz estar arrependida. Ela decide, para continuar seus estudos,

não ter outros filhos antes de alguns anos. Seu marido inicialmente aceita, mas quatro anos depois do nascimento do primeiro filho; enquanto sua mulher se prepara para o vestibular para entrar na Universidade, o conflito explode abertamente.

A principal crise aconteceu uma noite, segundo os relatos feitos pelos dois membros do casal: o homem, que sabia que sua mulher estava fértil naquela noite, tentou manter relações sexuais. Ele foi refutado e saiu para encontrar com amigos. Sua esposa trancou-se em casa e foi se deitar. No meio da noite, o homem, bêbado, chega em sua casa e, louco de raiva por não poder abrir a porta, arromba e se joga sobre sua esposa para lhe arrancar as vestes. A cena é interrompida pelo filho do casal. Quando os dois protagonistas lembraram, em comum e separadamente, esta cena, o fizeram com palavras diferentes. Ambos reconhecem que o controle da fecundidade foi o centro da questão, mas enquanto o esposo se defende de nada ter premeditado e fala – como no caso precedente – da impulsividade e vontade de ter uma sexualidade que ele qualifica de normal, sua esposa fala de estupro. Falar de estupro no quadro de um casal estabelecido é um fenômeno suficientemente raro para ser sublinhado. Ora, a aparição desta palavra confirma a hipótese que esboçamos acima.

Diferentemente dos dois outros depoimentos, Ivanilde impõe ao seu marido o domínio de seu corpo e de sua fecundidade, sendo os dois, nestas circunstâncias, intimamente ligados. Ela confirma, em todo caso que as mulheres que têm um certo nível de educação se opõem a seus maridos e podem lhes impor, dentro de certos limites, regras de conduta. Temos aí um elemento de confirmação do papel fundamental das mulheres na redução da natalidade nas frentes pioneiras e, mais amplamente, das mudanças nas atitudes observadas. Estas mudanças são evidentemente portadoras inevitáveis de conflitos, pois colocam em jogo a ordem social. Neste domínio íntimo, mas socializado e controlado (Segalen, 1980, p.139), o modelo social exige que os desejos das mulheres sejam submissos.

#### **4. DIFERENTES FORMAS DE CONFLITO: A HIPÓTESE DE UMA MUDANÇA SÓCIO-ESPACIAL**

Os três casos estudados acima permitem estabelecer uma correlação

entre conflitos pelo limite que vem se estabelecendo no tamanho das famílias e aqueles que dizem respeito à oportunidade de migração. Se esta correlação é compreensível vista pela lógica camponesa, esta ligação merece ser esclarecida e confirmada pelos casos em estudo.

#### **4.1. Organização de gênero e articulação dos campos de análise**

Nosso enfoque (Arnauld de Sartre, 2003; Granié, Guétat-Bernard, 2005), para explicar aquilo que não se explica por si mesmo nos convida a pensar que a articulação dos campos dos indivíduos e do cotidiano obriga a uma reconsideração das ferramentas utilizadas em outros campos. Os estudos feministas nos ensinaram que a relação de desenvolvimento expressa relações de gênero nos três campos que ela se propõe a articular (Labrecque, 2000): o das estruturas da globalidade, o das organizações e das categorias sociais e finalmente aquele das trajetórias individuais, circunstanciadas e das práticas cotidianas. É trabalhando na escala local, íntima, pessoal e cotidiana das relações no seio das famílias restritas de camponeses que recolhemos estes discursos sobre o corpo, a sexualidade, os conflitos (inclusive de representações) a respeito do número ideal de filhos desejados por um e outro. Cruzar estes campos é tentar atingir as interpretações individuais de homens ou de mulheres e, segundo a posição de cada um em suas organizações sociais e espaciais. Admite-se, em princípio, que o corpo e a sexualidade podem se tornar espaços de controle e de resistência (Aihwa, 1991). Compreende-se o interesse de apreender as ligações entre o discurso sobre a fecundidade e a recondução de um novo modelo camponês da frente pioneira amazônica.

Considerando aos envolvidos no conflito em torno desta questão importante que é a redução da natalidade, pode-se traçar um quadro destas mudanças e adiantar uma hipótese quanto às modalidades de sua difusão, difusão não apenas entre localidades, entre famílias em uma mesma localidade, mas também entre o marido e sua esposa. Levantamos a hipótese de que o acesso mais fácil aos meios contraceptivos na atualidade, e em particular com soluções radicais como o ligamento de trompas, revela conflitos de representação do lugar de um e outro no casal e nas relações de trabalho no estabelecimento agrícola, mas também evolução sobre o papel das crianças

no projeto familiar. Desconfiamos, todavia, dos constrangimentos aos quais submetemos nossos interlocutores na narrativa sobre suas próprias vidas. Reconstruções *a posteriori* (Bourdieu, 1986) podem aparecer: o objetivo da redução pode ser antigo, mas a vontade de limitar o número de crianças pode ter surgido tardiamente, o que a forma de entrevista utilizada não permite compreender. Pode-se supor que se esta vontade era verdadeiramente afirmada desde muito tempo, é provável que os camponeses encontrados teriam pelo menos conseguido fazer intervalos entre os nascimentos de suas crianças e reduzir, mesmo minimamente, o seu número.

Reveladora é a tensão que separa a posição de mães e filhas. Ela parece indicar que ocorre uma reviravolta entre as gerações. As normas sociais que se reportam a um ideal de família numerosa (normas aceitas e reproduzidas tanto por homens como por mulheres que asseguravam um reconhecimento de posição enquanto chefe de família para o marido quanto de sogra para a esposa) estão fragilizadas neste momento. É particularmente flagrante a evolução das representações do piso do que seja família numerosa: de uma geração a outra o qualificativo de família numerosa passa de 10 ou 15 crianças a somente 5. Quando esta redução do tamanho da família nos foi apresentada como uma vontade do casal, as entrevistas intergeracionais revelam que esta vontade já se encontrava presente nas intenções da mãe do esposo, sem que tivesse sido possível para ela realizar o seu desejo. Seria, portanto, um movimento social progressivo que se afirma hoje. A diferença de comportamento segundo as famílias (entre uma redução sem conflito e uma fecundidade mantida elevada) revela variações em uma norma do número máximo de filhos em direção a uma brusca queda. O acesso mais confortável hoje a diversos métodos contraceptivos vem reforçar estas lógicas de redução da descendência. Ora, isso é tão evidente que esta questão parece contemporânea de uma outra mudança, aquela do lugar dos filhos nas famílias camponesas.

#### 4.2. Estatuto dos filhos na família e trabalho feminino

A hipótese de uma mudança social permite esclarecer razões avançadas para dar conta da redução do número de filhos. Roberto nos dá uma mostra disso:

**Entrevistador:** E você, quer mais filhos?

**Roberto:** Rapaz, acho que a gente vai parar por aí. Minha mulher ainda não foi operada, eu também não, mas quatro filhos eu penso que é suficiente.

**Entrevistador:** É suficiente?

**Roberto:** Sim, eu penso que sim. A crise em que nos encontramos hoje, nós... tem gente que tem muitos filhos, mas não têm condições de dar educação escolar, de cuidar. Eu dou escola a meus filhos... e eu vou ver se eu... eu vou dar escola enquanto puder mas a gente não pode fazer tudo por eles porque não temos meios, né. Se é vontade de Deus, também...

Este discurso como outra expressão ouvida “menos filhos para melhor cuidar” justifica concretamente a redução do número de filhos e um esforço voltado para os estudos.

Os trabalhos dos historiadores sobre a idéia da infância na Europa nos têm ajudado a compreender o que observamos hoje na Amazônia. Aqueles de Philippe Ariès (1979), foram certamente os precursores pelo estabelecimento de uma correspondência da transição demográfica (na França da segunda metade do século XVIII) com a valorização do indivíduo acompanhando uma “emergência crescente da esfera do privado” (Julia, 1998 : 47) e de uma “necessidade de intimidade e de identidade” a partir de então associada a uma nova ideia de felicidade (Mauzi, 1979). Estes dois fenômenos teriam justificado uma importância crescente acordada à educação das crianças (Becchi et Julia, 1998 , p. 25), sendo isto considerado não apenas uma parte do patrimônio da família destinada a assegurar sua reprodução mas como um sujeito em si mesmo, a educação formal devendo conduzi-los a ser donos dos seus destinos.

A difusão destes novos valores culturais marcando uma mudança das normas familiares em torno da “família moderna” conheceu na sociedade rural uma difusão rápida no momento da revolução francesa e das novas regras do direito de herança, reforçando a idéia de que a vontade da redução do número de filhos também estava ligada paradoxalmente àquela “deliberada de conforto pessoal e de manutenção dos patrimônios” (Bardet et Dupâquier, 1986, p. 16). Isso estaria bem dentro dos cuidados de preservação ou de

ascensão social que a família camponesa teria restringido à sua descendência final, fragilizando, pelo acesso ao mundo urbano e às suas referências educativas, as possibilidades de reprodução do modelo camponês. “Desde que tiveram a possibilidade de alargar o horizonte de suas previsões, as famílias tentaram constituir um certo capital” (Challier, 1986, p. 76), explicando uma maneira nova de se projetar em um horizonte temporal e mesmo territorial. Na Amazônia nós relevamos, anteriormente, que esquematicamente os casais em idade de procriar, tendo uma numerosa descendência (ou que planeja ter uma) se encontram majoritariamente em zonas de colonização recente ou tem um projeto migratório para ir mais adiante da frente. Ao contrário, aqueles que têm um menor número de crianças se situam em área de colonização antiga. Mas neste último caso, sublinhamos que, no momento da entrevista, quando encontramos estas famílias, numerosas eram aquelas que já tinham experimentado uma saída do território; nós as encontramos em frentes mais recentes, confirmando novamente a ligação estreita entre uma numerosa descendência e um projeto migratório.

Nesse contexto, a redução do número de filhos, que pode ser associado como no passado europeu a um novo olhar voltado sobre seu lugar na família, e que se acompanha de uma grande atenção para a sua instrução, prepara para uma saída da agricultura camponesa (Arnauld de Sartre, 2004). Correlativamente, esta redução empurra finalmente uma certa agricultura camponesa e seus modos de reprodução para a migração. Nosso trabalho de campo mostra que o aumento médio do nível escolar é patente: enquanto raros são os agricultores maduros de mais de 50 anos que sabem ler e escrever, todos os jovens têm um nível pelo menos de escola primária. É certo que o nível das escolas rurais não é dos melhores, mas isto se constitui em uma grande mudança e vai mais longe ainda, pois se a grande maioria dos jovens têm uma escola primária na proximidade, é bem mais difícil para eles ir estudar em um colégio que exige um deslocamento para a cidade. Mas 33 % dos jovens de menos de 35 anos dos 294 de nossa amostra que terminaram definitivamente seus estudos, conseguiram estudar pelo menos dois anos no 2º grau. Observa-se, paralelamente, um aumento médio do nível de escolaridade, e estratégias concretas de ruptura com o mundo camponês.

Voltemos a nossas explicações, pois os historiadores nos ensinaram que “a amplitude das variações no tamanho dos grupos domésticos é reduzida”

no tempo longo da história européia: É, sobretudo, falacioso pretender que só as sociedades européias teriam, a partir do século XVI, inventado a infância e o amor materno (Goody, 2001, p. 17). Jacky Goody propõe atribuir à revolução industrial as mudanças mais significativas na estrutura das famílias quando a “dependência até então estreita entre vida familiar e economia se enfraquece” (Goody, 2001, p. 241). Mais precisamente, a oposição entre o doméstico e seu consumo com a produção e o trabalho (Perrot, 1998, p. 384) é ao mesmo tempo causa e consequência dos tumultos econômicos do século XIX. Uma figura idealizada do marido e pai assegurando sozinho a ligação com a economia mercantil toma forma neste momento. O emprego dos homens no exterior do espaço doméstico adquire o qualificativo de produtivo. Em contraponto, são reconhecidas como trabalhadoras apenas as assalariadas, enquanto que as vendedoras de pequenas lojas e camponesas são relegadas como ajudantes conjugais (Perrot, 1998, p. 191), desconsiderando o trabalho feminino e o associando à única figura da “mulher que ajuda” particularmente no campo (Verdier, 1979), dando-se relevo virtuoso ao papel de dona de casa. Este qualificativo de aquela que ajuda está sempre presente na representação que homens e mulheres dão ao trabalho feminino no estabelecimento, tanto na zona rural francesa quanto nas frentes pioneiras em que trabalhamos.

Mas a realidade dos fatos na história européia demonstra-se de maneira bem diferente: o investimento das mulheres nas atividades qualificadas desde então como produtivas se manteve por necessidade para as classes populares e fortemente nos trabalhos da terra. Ainda que se tenha conservado a memória coletiva e apesar dos “silêncios da história” (Perrot, 1998), as mulheres continuaram a trabalhar inclusive no interior da esfera privada, desde então contraditoriamente colado como por natureza ao ideal feminino (Laqueur, 1992). Tocamos aí, nos parece, no coração da compreensão do fenômeno: é exatamente nas relações homem/mulher enquanto casais, em ligação com as mudanças nas representações de si, e de si em uma relação social, que se verificam os transtornos. A disputa nas dificuldades de gestão, tanto dentro como fora da residência, explicam um desejo e a prática de uma conduta maltusiana pelas mulheres deste tempo passado. Mistura-se, na compreensão da baixa tendencial do número de filhos por mulher na história européia, tanto um novo olhar sobre a infância quanto um desejo que se afirma de realização pessoal e também, e talvez sobretudo, uma tensão forte entre responsabilidades

e tempo de trabalho que a evolução socioeconômica e política impõe às mulheres. Toda a ambivalência repousa sobre a impossibilidade de “separar a história do trabalho feminino da história da família, das relações de sexo e dos papéis sociais” (Perrot, 1998, p. 194). Os extratos de entrevista aqui propostos mostram bem que todas essas projeções estão misturadas com a compreensão de que as camponesas que encontramos se entregam ao seu mundo e ao lugar que elas querem ter ali. Que elas desejam se integrar no universo camponês, que tentam articular trabalho no estabelecimento e fora dele por um trabalho de professora, por exemplo, ou ainda que elas põem em execução estratégias para escapar aos constrangimentos de vida na exploração agrícola. As mulheres entrevistadas que nos revelaram seus conflitos no que concerne ao número ideal dos filhos, todas o associaram a uma tentativa de reconhecimento de sua competência e de seu tempo de trabalho.

A situação que nos revela Maria, filha de Conceição (apresentada anteriormente), é particularmente esclarecedora das mudanças que se operam. Ela é casada há sete anos com um jovem de sua idade, ele também originário de uma família de onze filhos (Conceição tem, igualmente, lembremos, onze irmãos e irmãs), economicamente mais modesta que a de Maria. Ele era um simples vaqueiro quando se encontraram. Ela se mostra como uma jovem mulher decidida que escolheu se instalar na agricultura depois de uma passagem de 4 anos na cidade. Esta instalação não é o simples resultado de seu engajamento marital. Tendo vivido a passagem pela cidade com dificuldade, ela decide voltar para o campo e se instalar junto de seus pais. Assim, ela comprou 25 hectares em seu nome, e com seu marido gerencia outros 25 que pertencem ao pai de Maria. Os créditos para a construção da pequena casa na qual vivem, perto do lote dos pais, estão igualmente no nome de Maria. Ela afirma que estaria pronta, se necessário, a ir mais adiante para obter um lote maior, quando seus filhos estiverem em idade de lhes ajudar nos trabalhos do estabelecimento. No início de sua vida, Maria nos faz entender que ela tinha projetos diferentes daqueles de sua mãe. Tensões existem atualmente na família de seus pais porque Conceição não deseja mais viver uma nova migração. Ela é muito apegada àquilo que já construiu ali (notadamente um sítio de árvores frutíferas que estão em plena maturidade e do qual ela muito se orgulha). O pai está indeciso porque dois de seus filhos mais velhos contraíram matrimônio contra sua vontade. Um outro filho rapaz deseja abandonar a agricultura e

dois são ainda muito jovens. No início da entrevista, Maria, contrariamente à história dolorosa vivida por sua mãe em razão do alcoolismo do pai, expressa firmemente a necessidade de entendimento entre os esposos.

**Maria:** É, isso aí, tem que entrar em acordo e a gente tem que tentar os 2 juntos combinar, se da certo, se tiver a função junto. Dá certo mesmo senão a gente larga de mão.

**Entrevistador:** Quantas crianças você quer ter? Quantos filhos?

**Maria:** Mais nenhum, era só esses 4 nosso aqui, mesmo. Deus quis levar os outros 2. Agora [é] só esses 4 mesmo.

**Entrevistador:** O número ideal que vocês tinham era 4?

**Maria:** Era.

**Entrevistador:** Aí vocês não vão insistir mais?

**Maria:** Não, só se por acaso acontecer, né, mais a gente num quer mais não.

**Entrevistador:** Mais você faz controle, você faz?

**Maria:** Não.

**Entrevistador:** Não tomam anticoncepcional, essas coisas?

**Maria:** Não, isso tá na vontade de Deus.

**Entrevistador:** Mais você sabe que pode controlar, que existem condições de fazer isso, vocês têm informações pra isso, pra fazer?

**Maria:** A gente tem.

**Entrevistador:** E o Raimundo acha o que?

**Maria:** Ele concorda que tá bom já de filho.

**Entrevistador:** Tá bom, né?

**Maria:** Hum rum.

**Entrevistador:** Vocês não querem ter 12 como seu pai, não?

**Maria:** Não, a gente num quer, não.

**Entrevistador:** Por que?

**Maria:** A gente trabalha, é muito difícil. Hoje em dia pra um pai manter 12 filhos tá difícil, difícil mesmo. Eu sei que meu pai enfrentou muita dificuldade pra criar nós, foi muito trabalho, muita dificuldade, era a coisa mais difícil do mundo a gente ver o pai porque tava sempre na roça trabalhando, em qualquer lugar pra arrumar o dinheiro pra manter a gente de alimento e manter o estudo, porque 12 filho pra manter no estudo agora tá difícil, difícil mesmo porque tá tudo caro, as coisas tão tudo caro de mais né. a gente não terminou de estudar porque, eu né que num terminei de estudar porque a gente veio pra cá aí passou esse tanto de tempo parado, aí já tava chegando a época de namorar e pronto, casei, que eu num terminei, quando eu casei meu marido num deixou eu terminar os estudos.

**Entrevistador:** Como o marido não deixou?

**Maria:** Porque ele não queria deixar, difícil, a gente com criança. Ele tinha que ficar em casa olhando as crianças porque eu tinha que estudar à noite, aí ele não queria ficar em casa com as crianças pra mim ir estudar e aí fica difícil pra gente, dona de casa, só se a gente ter muita opinião pra conseguir se num ser, aí num tem como, fica difícil pra gente, mas vontade eu tenho de terminar meus estudo mesmo e de me mudar, até agora eu to vendo um sítio, mais só se ser quando os meninos tiver grande pra ajudar um pouco.

Nesse extrato de entrevista e na sua atitude corporal quando do encontro conosco, Maria demonstra muita segurança e maturidade na sua tenacidade de gerenciar bem seu projeto de vida na terra (ela mostra orgulhosamente suas mãos calosas e fala de seu desejo de comprar um animal de serviço para diminuir seu sofrimento e participar das reuniões da associação da localidade da qual ela é membro ativo, contrariamente a seu marido). Ela se mostra como sendo inteiramente envolvida nas escolhas feitas pelo casal. Indica, além disso, que é a única condição para o sucesso conjunto do projeto familiar e do projeto do estabelecimento. Ela revela assim um engajamento que era previsível desde que morava na casa de sua mãe. Pode-se ver, então, como se articula o desejo de limitar o número de filhos e seu engajamento profissional no estabelecimento e na localidade (ela recebeu a proposta de se tornar a secretária da associação nas próximas eleições, mas pretende declinar do convite por enquanto por causa da tenra idade de seus filhos). Ela fala claramente de uma ligação entre um grande número de filhos e as dificuldades de agüentar os estudos. Ela se queixa de não ter parado mais cedo e de ter se casado muito rapidamente, ao mesmo tempo em que ao transparecer uma grande serenidade em suas propostas e atitude, ela gostaria que seu marido a deixasse seguir seu curso noturno para adultos e terminar seus estudos e educação. A escolarização tornou-se um valor essencial para o campesinato e conta muito no que diz respeito ao controle da natalidade. Além do mais, é ao mesmo tempo o lugar do filho na família e sua nova relação com a sociedade urbana através da educação, quanto o engajamento defendido pelas mulheres camponesas entrevistadas no estabelecimento ou em suas atividades remuneradas fora dele, que aparecem como elementos explicativos do desejo ou de uma real capacidade de efetivar uma redução da natalidade.

## 5. CONCLUSÃO: A HIPÓTESE DE UMA MUDANÇA DE CONTEXTO

A valorização da fecundidade – símbolo da potencia sexual masculina, do poder gerador das mulheres (Lecarme, 1999), da benção divina, da recondução de um modelo camponês – está a tal ponto interiorizada que parece indissociável do destino das mulheres. Sua “domesticação social”

continua incerta e sua rebelião sempre ameaçadora legitimaria até violências físicas, simbólicas e imaginárias exercidas sobre elas. É isto que este artigo revela. Mas o consentimento ou a resignação inelutável (Mathieu, 1991) não existe mais nos dias de hoje. Mesmo se o poder simbólico das mulheres, positivo e negativo, inseparável de seu poder gerador, repousa em sua adesão à crença no “trabalho da mãe”, se este é apresentado como um imperativo moral categórico (Lecarme, 1999) justificando os elementos do comportamento feminino – o serviço, o sacrifício – quando nos damos tempo de interrogá-las, as mulheres camponesas não fazem silêncio e expõem os seus projetos.

Os ruralistas que se engajam no estudo da mudança social desde os anos 1960 mostraram o interesse de articulá-lo com as “estruturas das sociedades rurais que ele atinge” (Jollivet, 1968, p. 338). Neste sentido, as evoluções do contexto no qual se inscrevem as frentes pioneiras amazônicas devem esclarecer as lógicas próprias das famílias camponesas encontradas, e no seio destas lógicas, as interpretações pessoais que camponeses e camponesas fazem destas evoluções. As explicações a esta baixa brutal e rápida de número de filhos, de tal maneira brutal e rápida que todos os casais reconhecem, devem ser buriladas. É esta compreensão das interações entre as lógicas individuais, aquela dos grupos domésticos e o contexto espacial, social, econômico e histórico que deve ser perseguida. É percorrendo esta via que nos será possível compreender as relações mútuas que mantêm as mudanças demográficas que afetam os indivíduos e os grupos domésticos nas quais eles residem (Ségalen, 1996, p. 39) e as mudanças de relações espaciais. Nossa explicação poderá então se inscrever em um propósito que tentará esclarecer as ligações entre indivíduos homens e mulheres / grupos familiares de pertencimento / contexto global de ação. Nesta perspectiva, resta a aprofundar a compreensão das ligações entre a organização dos grupos domésticos e as tensões reveladas sobre as escolhas reprodutivas.

Os modelos de evolução das frentes pioneiras (ver em particular Dollfus, 1982 ; Albaladejo et al., 1996) nos recomendam a considerá-los como a troca de uma ordem territorial por uma outra – neste caso pode-se falar da incorporação de uma área que corresponde ao modo de organização autóctone integrando-se àquele da sociedade brasileira moderna. Desde então, é normal que pouco a pouco, as zonas pioneiras perdem certas características que lhes são próprias para se adaptar àquelas da sociedade brasileira em geral. É então

a difusão do modelo urbano que se questiona e, sobretudo, a interpretação que dele fazem as famílias camponesas, em particular nestas características de queda da natalidade, de um aumento do nível médio de escolaridade, e mais ainda de uma dinâmica de individualização centrada no desejo de realização pessoal. A hipótese de uma mudança das dinâmicas de colonização da floresta amazônica aqui se encontra fortalecida.

Se a migração era, sobretudo, considerada calcada em razões sociais referentes ao número de filhos, então o desaparecimento destas razões deveria por fim às migrações. Até o presente, a integração de uma frente pioneira ao resto do Brasil não se traduzia por uma queda na natalidade, restando esta elevada no conjunto do território brasileiro, mas a primeira começando a declinar fortemente há trinta anos, o fenômeno está em curso de difusão na frente pioneira – com o retardo característico destas regiões. Isto poderia ter consequências não apenas sobre o modo de vida camponês, mas também sobre a relação deste com a agricultura.

## 6. REFERÊNCIAS

AIHWA Ong, The gender and labor politics of postmodernity. **Annual Review of Anthropology**, v.120, p. 279-309. , 1991

ALBALADEJO, C, et al. La construction du territoire sur les fronts pionniers . In: \_\_\_\_\_ **Les fronts pionniers de l' Amazonie brésilienne, la formation de nouveaux territoires**. Paris: L'Harmattan, 1996. p. 247-278.

ARIES, P. **Histoire des populations françaises et de leurs attitudes devant la vie depuis le xviii éme siecle**. Paris, Le Seuil, 1979. 414 p.

ARNAULD DE SARTRE, Xavier. **Territorialités contraditórias des jeunes ruraux amazoniens : mobilités paysannes ou sédentarités professionnelles ?**, Tese (Doutorado em Géographie Rurale), UTM, INP-ENSAT, ENFA et Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2003.551 p.

ARNAULD DE SARTRE, Xavier., « Les jeunes filles des fronts pionniers amazoniens : « passeuses » du changement et négociatrices d'une nouvelle ruralité ? ». In : CAPRON, G; CORTES, G; GUÉTAT, H. (Dir.). **Liens et lieux de la mobilité: des disqualifications sociales aux renégociations identitaires et territoriales**. Paris, Belin (à paraître). 2005

BARDET, J.P ; DUPAQUIER, J. Contraception : les Français les premiers, mais pourquoi ? «Dénatalité, l'antériorité française, 1800-1914. **Communications**, Seuil, v. 44, p. 3-32. 1986.

BECCHI, E. ; JULIA, D. Histoire de l'enfance, histoire sans paroles? In : **Histoire de l'enfance en Occident: de l'antiquité au XVIIe siècle**. Paris, Seuil, Histoire, 1998. pp. 7-41. tome 1

BLAFFER HRDY, S. **Les instincts maternels**. Paris, Payot, 1999, (2002 pour la trad. Franç.). 622 p.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 62-63, p. 69-72. 1986.

CHALLIER, M. C Du malthusianisme ascétique à l'économie familiale (1680-1914). **Communications**, Seuil, v. 44, p. 71-83. 1986.

DE LAME, D. Etude de genre et développement, de l'archétype à la polyphonie. In: \_\_\_\_\_. Genre et développement. Bulletin Association Euro-Africaine pour l'Anthropologie du Changement Social et du Développement bulletin n020-déc., 2000. 200 p.

DOLLFUS, O. « Phénomènes pionniers et problèmes de frontière », In : \_\_\_\_\_. **Les phénomènes de frontière dans les pays tropicaux**. Paris: IHEAL, 1982. pp. 445-448.

DUPUIS, A. «Ego féminin chez les Nzebi du Gabon: de la norme à la marge », In : JONCKERS, D; CARRÉ, R; DUPRÉ, M.C. (Dir.). **Femmes plurielles: les représentations des femmes, discours, normes et conduites**. Paris: MSH, 1999. p. 29-37.

GOODY, J. **La famille en Europe**. Paris, Seuil, 2001. 283 p.

GRANIE, A. M.; GUETA T H. (co-dir.). **Empreintes et inventivités des femmes dans le développement rural**. Toulouse: PUM, 2005. 250 p. (Coll. Ruralités Nord/Sud).

HAMELLIN, P. Mutation au Brésil. Vue d'Amazonie . **Cahiers des Sciences Humaines**, v. 28, n. 4, 1992. p. 727-748.

HERITIER, F. **Masculin / Féminin: la pensée de la différence**. Paris: Odile Jacob, 1996. 332 p.

JOLLIVET, M. « Structures agraires et changement économique en agriculture ». **Revue française de sociologie**, v. 9, n.3, cité par MORICEAU Jean Mare, 2002, **Terres mouvantes. Les campagnes françaises du féodalisme à la mondialisation XIIe-XIXe siècles**. Paris, Fayard, 1968. 445 P : 227.

JULIA, D. « L'enfance entre absolutisme et lumières (1650-1800), In: **Histoire de l'enfance en Occident**) tome 2. Du XVIIIe à nos jours, Paris, Ed. Seuil, 1998. p. 8-119.

LABRECQUE, M.E. « L'anthropologie du développement au temps de la mondialisation In **Anthropologie et développement**, v. 124, p. 57-78. 2000.

LAQUEUR, T. **La fabrique du sexe: essai sur le corps et le genre en Occident**. Paris: Essais Gallimard, 1992. 355 p.

LECARME, M. « La « fatigue » des femmes, le « travail de la mère » en milieu populaire dakarais », In: JONCKERS, D, CARRE, R; DUPRE, MC (sous la dir.). **Femmes plurielles: les représentations des femmes, discours, normes et conduites**. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'homme, 1999. 300 p.

LENA, P.; SILVEIRA, I.M. **Uruará: o futuro das crianças numa área de colonização**. Belém, UFPa - UNAMAZ, 1993. 92 p.

MATHIEU, N. **L'anatomie politique: catégorisations et idéologies du sex**. Paris: Côté-femmes, 1991. 291 p.

MAUZI, R. **L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée françaises au XVIIIe siècle**. Paris: A. Collin, 1979. 383 p.

MENDRAS, H. « L'invention de la paysannerie: un moment de l'histoire de la sociologie française d'après-guerre », **Revue française de sociologie**, v. 41-3, p. 539-552. 2000.

PERROT, M. **Les femmes ou les silences de l'histoire**. Paris: Champs Flammarion, 1998. 491 p.

SEGALEN, M. **Mari et femme dans la société paysanne**. Paris: Champs Flammarion, 1980. 211 p.

SEGALEN, M. **Sociologie de la famille**. Paris: A. Colin, 1996. 296 p.

VERDIER, Y. **Façons de dire, façons de faire: la laveuse, la couturière, la cuisinière**. Paris, Gallimard, , 1979. 347 p. (Bibliothèque des sciences humaines)